



A CRISE DAS DEMOCRACIAS CONTEMPORÂNEAS A PARTIR DO CONCEITO DE *RETROTOPIA*, DE ZYGMUNT BAUMAN

Alaércio Bremmer Maia

Universidade Federal do Paraná

Da série de palavras que voltaram com significativa força para o debate público nos últimos tempos, podemos elencar *democracia* como sendo uma das principais. Tal palavra, por seu turno, surge nos debates e discussões acompanhada por uma outra palavra, de igual peso: *crise*. Com efeito, nos últimos anos, o mundo viu ressurgir uma onda de extrema direita que, tendo por base um discurso de fundo autoritário, começou a questionar e atacar as bases e pilares das chamadas *democracias liberais*.

Podemos citar como exemplos dessa onda, os governos de Donald Trump (2017-2021), nos Estados Unidos, Viktor Órban (2010 – presente), na Hungria, Rodrigo Duterte (2016 – presente), nas Filipinas, Recep Tayyip Erdogan (2014 – presente), na Turquia e Jair Bolsonaro (2018 – presente), no Brasil. Cumpre citar ainda aqueles países nos quais a extrema direita não conseguiu conquistar eleições, mas conseguiu formar grupos de apoiadores bem consolidados, como é o caso da França, Holanda e Alemanha.

Mas quais seriam as causas da crise das democracias liberais? O que está por trás da ascensão destes governos de verve autoritária no mundo todo? Foi visando dar uma resposta para tais questões que muitos filósofos, historiadores e sociólogos se debruçaram sobre o tema, escrevendo artigos e livros com diferentes interpretações para este fenômeno. Um destes foi o célebre teórico das ciências sociais, Zygmunt Bauman, que faleceu em 2017 deixando como obra póstuma sobre o assunto o livro *Retrotopia*. No presente trabalho, pretende-se compreender justamente qual foi a análise do autor sobre tal temática, tendo como norte, o conceito chave que dá título ao livro, a saber, a *Retrotopia*.

O autor dá início a esta análise identificando no mundo contemporâneo, precisamente, uma *crise da utopia*. Citando o historiador holandês, Rutger Bregman (1988), Bauman nos diz



que “precisamente quando deveríamos estar assumindo a tarefa histórica de investir essa existência rica, segura e saudável de significados, nós, em vez disso, sepultamos a utopia. Não há nenhum sonho novo para substituí-la, pois nós não logramos imaginar um mundo melhor do que aquele que alcançamos”. Com essa crise das utopias, a ideia de felicidade humana, antes vinculadas a um *topos* (ou seja, um lugar fixo, uma pólis, um Estado) se descola deste e, sobretudo a partir dos anos 1970, com a emergência do *neoliberalismo*, passa a ser individualizada, particularizada e privatizada.

Por sua vez, esta emergência do modelo econômico neoliberal e seu espraiamento nos mais diversos âmbitos da sociedade, longe de trazer as melhorias que prometia (as quais, seriam conseguidas com a diminuição do tamanho do Estado), trouxe apenas mais problemas, como precarização do trabalho, desemprego, economia instável, desigualdade social, aumento da violência, entre outros. Paralelamente, nesse contexto, a tecnologia desenvolveu-se a níveis nunca antes vistos, ocupando, não raras vezes, funções e encargos que antes eram ocupados por seres humanos.

Nesta conjuntura, na qual se aliam estes três fatores – crise das utopias, neoliberalismo e avanço da técnica - o *presente* e, por conseguinte, as projeções de *futuro*, são dominados pelo *medo* e pela *incerteza*. O indivíduo teme perder os bens que conquistou, o emprego que tem hoje (e que amanhã pode lhe ser tirado por um imigrante ou por uma máquina), os poucos direitos que ainda lhe restam, o seu poder de consumo, etc. Ante tal cenário, o indivíduo volta seus olhos para o *Estado moderno* e para o *sistema democrático* tentando encontrar respostas e soluções para seus dilemas, porém, dada a precarização destas instâncias (muito em função da ordem econômica que se sobrepõem a elas) e sua dificuldade/negligência em ofertar uma resolução para estes dilemas, ele passa a enxergá-las (o Estado, o sistema democrático e as elites econômicas que o compõem) com desconfiança, quando não como autoras, da *insegurança* que o aflige. Desse modo, tendo em conta um presente e um futuro que lhe soam assustadores, assim como um Estado e sistema político que lhe soam distantes e inativos, este indivíduo, agora sem uma utopia que corresponda aos seus anseios, entra num processo de *nostalgia*, no qual o passado passa a assumir essa configuração de lugar idílico, ordenado,



estável, e, acima de tudo, *seguro*. A esse desejo de retornar ao passado, Bauman dá o nome de *retrotopia*.

É no esteio desse desejo que surgirão discursos de índole autoritária, manipuladores da memória e construtores de um passado “perfeito”, que, no entanto, nunca existiu. Se utilizando do medo/insegurança dos indivíduos envolto naquelas questões anteriormente citadas, os portadores de tais discursos prometem reconstruir esse passado, seus projetos e suas práticas.

A partir da exploração de tal conceito estabelecido pelo autor (*retrotopia*), pretende-se, com este trabalho, dessa forma, não somente oferecer uma dimensão sobre a crise das democracias contemporâneas, mas deixar também uma reflexão sobre os muitos dos problemas que tais democracias concentram em si que permitem que tais discursos floresçam e ganhem uma dimensão significativa no campo do social - e o mais importante: uma reflexão sobre *como e de que modo* os enfrentar.